

UMA LUA PARA
O BASTARDO

Amostra

Uma lua para o bastardo

Copyright © 2026 Minotauro

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2026 EUGENE O'NEILL

ISBN: 978-65-6143-070-8

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O66u
O'Neill, Eugene.

Uma lua para o bastardo / Eugene O'Neill; tradução
Adriano de Paula Rabelo. Rio de Janeiro: Minotauro, 2026.
144 p. : il. ; 15,7 x 23 cm

ISBN 978-65-6143-070-8

1. Teatro norte-americano. 2. Drama.
I. Rabelo, Adriano de Paula. II. Título.

CDD: 812

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro americano (812)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Produtor Editorial: Natalia Curupana



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



UMA LUA PARA O BASTARDO

EUGENE O'NEILL

Tradução, apresentação e notas de
Adriano de Paula Rabelo



MINOTAURO

Amostra

A PIETÀ DE O'NEILL

Uma lua para o bastardo foi escrita em 1943, um ano depois de Eugene O'Neill terminar o trabalho de escrita daquela que muitos consideram a obra máxima do teatro do século XX: *Longa jornada noite adentro*. Pertence, portanto, à última fase do dramaturgo, quando, sofrendo muito com os graves problemas de saúde que em pouco tempo o impediriam de escrever e tendo atingido pleno domínio de seu *métier*, ele acelerou a escrita de várias peças que tinha em planejamento e produziu alguns de seus trabalhos mais importantes. Ainda mais significativamente, *Uma lua para o bastardo* foi a última peça completada por O'Neill. A partir de então, até sua morte em 1953, seu estado de saúde se tornou muito precário, e ele teve de viver se mudando de um lugar para outro nos Estados Unidos, em busca de tratamento e privacidade. Além disso, a tragédia, que foi uma presença constante na história de sua família, se abateu também sobre um de seus filhos, que suicidou-se, e um de seus netos, que morreu por asfixia postural ainda bebê.

Nas peças desta última etapa do trabalho de Eugene O'Neill, chama a atenção a forma corajosa como ele recria dramaticamente alguns episódios marcantes de sua sofrida experiência familiar em busca de compreensão e perdão. Se *Longa jornada noite adentro* foi escrita, em certa medida, como um acerto de contas com seu pai, James O'Neill, e uma forma de exorcizar a culpa por tantas acusações e tanto distanciamento em relação a ele durante a vida, *Uma lua para o bastardo* faz algo semelhante em relação a seu irmão, James O'Neill Jr., que na peça recebe uma espécie de bênção antes de partir para a morte. O dramaturgo não teve tempo de fazer algo semelhante em relação à mãe, Mary Ellen O'Neill, ou talvez nunca a tenha perdoado pelo choque de, aos doze anos, descobrir que ela era viciada em morfina, problema que causaria graves distúrbios em sua família ao longo de muitos anos.

O irmão de O'Neill, dez anos mais velho que ele, foi uma figura fundamental em sua vida e em sua criação artística. Muito talentoso,

extremamente culto e atraente, dono de um senso de humor satânico, propenso à rebeldia e à vadiagem, cínico, alcoólatra inveterado e assíduo frequentador de casas de meretrizes, exerceu um papel de Mefisto em relação a Eugene, introduzindo-o na literatura de poetas do século XIX considerados malditos, iniciando-o no alcoolismo e nas experiências sexuais com prostitutas. A propósito, entre estas, Jamie, como era conhecido, tinha preferência pelas de corpo exuberante, seios fartos e espírito maternal.

Durante grande parte de sua vida, James O'Neill Jr. foi um boêmio e um dissipador dependente do dinheiro do pai para financiar suas pândegas. Era alguém completamente inadaptado ao mundo da produção e do trabalho. Apenas por algum tempo atuou na companhia teatral do pai, mas se considerava um canastrão.

Personalidade profundamente edipiana, possuía enorme dependência emocional da mãe. Tanto que, após a morte do pai, em 1920, abandonou por completo a prodigalidade e os excessos quando foi viver com ela para, em sua companhia, cuidar da administração das propriedades da família. A mãe não somente desaprovava o tipo de vida que Jamie levava como era um exemplo para ele, pois fazia vários anos que tinha conseguido superar o vício em morfina por meio de sua fé religiosa. No entanto, quando ela morreu, em 1922, James O'Neill Jr. entregou-se completamente ao etilismo, vindo a falecer cerca de um ano e meio depois, num sanatório, com a saúde física e mental arrasada. Tinha quarenta e cinco anos, e seu atestado de óbito registra como *causa mortis* uma arteriosclerose que resultou numa apoplexia cerebral.

A morte de Mary Ellen O'Neill ocorreu quando ela e Jamie estavam em viagem ao Oeste dos Estados Unidos para tratar de questões burocráticas relacionadas à venda de uma propriedade da família naquela região do país. Após adoecer de repente, recebeu o diagnóstico de tumor cerebral em estado avançado, vindo a falecer muito rapidamente. O filho mais velho não somente esteve a seu lado em seus momentos finais, como realizou uma terrível viagem de volta à costa leste, de trem, com o cadáver no compartimento de bagagem. Naquele momento Jamie decidiu se entregar a um processo autodestrutivo, retornando à luxúria e bebendo até morrer. Tal episódio,

recontado ficcionalmente na peça, é fundamental para a compreensão da psicologia do protagonista, que recebe o mesmo nome com que fora apresentado em *Longa jornada noite adentro*: James Tyrone. O sobrenome é uma referência ao condado irlandês de onde se origina a família O'Neill.

Uma lua para bastardo se passa num dia no início de setembro de 1923, entre aproximadamente meio-dia e o amanhecer do dia seguinte, de modo que é também a história de uma “jornada de um longo dia para dentro da noite”. Aliás, a peça pode ser lida como uma sequência dos acontecimentos da obra-prima autobiográfica com esse título, apesar de possuir uma atmosfera mais leve, com vários momentos em que o dramaturgo explora uma espécie de rude humor irlandês.

Os dois primeiros atos chegam a se aproximar da farsa, inclusive lançando mão de uma situação muito comum nesse gênero teatral: a tentativa de enganar alguém com ardis amorosos, para que haja um flagrante e o casal envolvido na trama seja obrigado a se casar em nome da salvaguarda da honra. Somente na segunda metade a peça assume tons mais fortemente dramáticos — embora tons de um drama lírico —, resolvendo-se num desfecho de cores trágicas.

Phil Hogan e sua filha Josie vivem numa fazenda localizada dentro das terras do falecido James Tyrone Sr., pai de Jim Tyrone, no estado de Connecticut. Hogan é um imigrante irlandês que ficou viúvo quando a esposa deu à luz o filho caçula, Mike. Homem rude, explorador do trabalho dos filhos e de trato difícil, sua agressividade faz com que os três filhos homens fujam da fazenda para escapar de seu jugo. O último a partir é Mike, que, como os outros dois, é ajudado por Josie. Esta, mulher de vinte e oito anos, grande, forte e de gênio indomável, é a única pessoa capaz de conviver com o pai diariamente. Com suas personalidades fortes, eles trabalham juntos e juntos aplicam pequenos golpes nos clientes da fazenda. Contudo, logo fica evidente que os dois são pessoas inseguras. Hogan busca no álcool um consolo para a sua solidão, e Josie cria para si uma falsa *persona* de mulher promíscua, colecionadora de amantes fugazes. Em realidade, ela ainda é virgem, e aquela atitude é, no máximo, uma expressão de sua fantasia sexual. No fundo ela cultiva um devotado amor a Jim Tyrone, o atual dono das terras onde se localiza a fazenda dos Hogans.

Tyrone, que assumiu a administração da propriedade maior após a morte de seu pai, é um ator fracassado e um homem consumido pelo alcoolismo. Apesar de também amar Josie, viaja frequentemente a Nova York para se entregar à vida boêmia em torno da Broadway e se relacionar com prostitutas. Isso porque não pretende fazer de Josie um objeto para dar vazão à sua lascívia, como faz com as moças que vendem seus corpos no distrito teatral nova-iorquino.

No passado, Tyrone prometeu vender a Hogan a terra onde este vive, a preço módico, tão logo a partilha dos bens de sua família fosse homologada. No entanto, após uma noite de bebedeira com Jim no bar que ambos costumam frequentar, Hogan diz a Josie que ele não cumprirá a promessa, uma vez que teria se comprometido a negociar a propriedade com T. Stedman Harder, o rico e detestado vizinho dos Hogans. Essa atitude deixa pai e filha indignados, e eles resolvem dar um golpe em Jim Tyrone, aproveitando-se de seu alcoolismo e seu afeto por Josie. Esta fará com que ele fique bêbado e o seduzirá, e na manhã seguinte Hogan trará testemunhas para pegá-los em flagrante e obrigá-los a se casar. Assim, a propriedade passará a pertencer a ela também.

Jim e Josie marcam um encontro ao qual ele chega bastante atrasado, sentindo profunda melancolia após uma passagem frustrante pelo bar. Em pouco tempo, Josie descobre que Tyrone jamais chegou sequer a considerar a venda da fazenda para outra pessoa e que veio ter com ela simplesmente porque precisava descansar em seus braços. Embora a ame de verdade, o sentimento de náusea pelas muitas devassidões cometidas no passado e a necessidade de escapar do anonimato da cidade grande fazem com que ele não consuma uma relação sexual com Josie. Na manhã seguinte, após retornar para a fazenda sem as testemunhas e ser duramente repreendido pela filha, Hogan justifica sua mentira e a trama em que a envolveu, dizendo que sua intenção não era rapinar as posses de Tyrone, mas fazer com que o casal assumisse de vez o seu amor recíproco e ficasse junto. Quando Jim acorda, ao final de uma noite em que, sob a influência do álcool e da luz da lua, compartilhou com Josie um terrível segredo acerca de seu comportamento por ocasião da doença e morte da mãe, vindo a adormecer nos braços da moça, com a cabeça aninhada em seu peito, fica chocado ao

tomar consciência do que lhe contou. Por fim, a despeito de reafirmar o seu amor e haver encontrado um pouco de paz após muito tempo de aflições, Tyrone parte de volta para a Broadway com a morte na alma.¹ Josie sabe que eles jamais se reencontrarão.

O centro de interesse de *Uma lua para o bastardo* está muito mais na complexidade e na originalidade de seus personagens do que no enredo da peça. Os três personagens principais são excepcionais criações dramáticas, funcionando muito bem no palco e fascinando o leitor/espectador por sua humanidade, seu patético, sua força de caráter e seu tocante fracasso. A própria ação da peça resulta num “fracasso” e num anticlímax, pois durante muito tempo fica-se na expectativa de uma consumação sexual entre Tyrone e Josie, mas ela não acontece.

Apesar de Eugene O'Neill haver perdido a fé já na adolescência, por volta dos quinze anos, sua formação católica terá profundas repercussões em sua obra. É muito recorrente em suas peças a presença de personagens que precisam realizar confissões de infâmias praticadas no passado, a fim de obterem perdão e poderem prosseguir suas vidas ou adentrar pacificados no reino da morte. O próprio dramaturgo, caminhando para o fim da vida, acossado por sérios problemas de saúde, realiza uma espécie de confissão pacificadora ao escrever peças como *Longa jornada noite adentro*, *Piedade cruel (The iceman cometh)* e *Uma lua para o bastardo*, revelando o lado sombrio da história de sua família e de seu relacionamento com amigos, para simbolicamente exorcizar seus demônios interiores.

A imagem mais marcante de *Uma lua para o bastardo* também recende à entranhada cultura católica do dramaturgo, a despeito de seu ateísmo. Não por acaso a figura materna é tão poderosa em seu universo. Especificamente nesta peça, Jim Tyrone vaga pelo mundo como um morto-vivo após a morte da mãe adorada, ansiando por confessar as próprias baixezas a uma mulher com os atributos de pureza de que essa figura desfrutava no contexto do catolicismo, obtendo

1 James O'Neill Jr. de fato morreu em novembro de 1923, dois meses após o dia em que se passam os acontecimentos da peça.

perdão e descansando em seguida em seus braços. Assim, numa noite de desespero e solidão, ele vai procurar Josie, que, a despeito de alardear uma sujeira que definitivamente não possui, tem essa identificação com uma figura maternal. Após ouvir a confissão das vilanias de Tyrone, ela compreende a melancolia, a fragilidade e a devastação do senhorio após a morte da mãe. Em seguida pega-o no colo, com a cabeça aninhada sobre seu peito, tal como a Virgem Maria segurando Cristo morto, imagem icônica do universo católico tantas vezes retratada por pintores e escultores ao longo dos séculos. Assim eles atravessam a noite. Josie não perde a virgindade, porém está satisfeita por haver proporcionado alívio à alma atormentada do homem que ama.

Além desse papel preponderante de *virginis omnium gratiarum mediatricis*, ou seja, aquela que intercede como mediadora no processo de redenção de nossos pecados, Josie também apresenta características da deusa-mãe, personificação da força geradora da vida, da natureza, das águas, da fertilidade e da cultura (figura comum a inúmeras religiões pagãs), do “eterno feminino que nos eleva”, à maneira de Goethe, além de possuir traços da própria Mary Ellen O’Neill. Também encontra referência na realidade, pois, durante a juventude, numa incursão noturna pelo *bas-fond* de Nova York em companhia do irmão, Eugene O’Neill uma vez conheceu uma moça de nome Christine Ell, grandalhona como Josie e como ela uma pessoa sensível e pura que se escondia por detrás de uma fachada de mulher devassa.

Tyrone, por sua vez, é um homem de meia idade já devastado pelos excessos comportamentais. Tendo decidido beber até morrer, segue no seu calvário de embriagar-se todos os dias para tentar suportar o peso da vida sem a presença da mãe. Apesar da melancolia que o consome — ou por causa dela —, não perdeu o senso de humor cáustico que é uma de suas características mais proeminentes. Sente-se perseguido pela recordação de sua atitude durante a agonia de Mary Tyrone e o traslado do cadáver do Oeste para o Leste do país num trem, viagem que durou alguns dias. Antes de morrer, ela teria ficado muito decepcionada ao descobrir que seu primogênito voltara a beber pesadamente. Além disso, numa patética tentativa de lidar com o luto avassalador que sentia durante a viagem de volta com corpo da mãe no compartimento de bagagem, por cinquenta dólares a noite James

contratou os serviços de uma decadente prostituta loira que viajava no mesmo veículo. O macabro da situação, a lamentável condição da moça que o acompanhou por alguns dias e a própria sordidez de seu comportamento só fizeram com que o trauma piorasse. Desde então ele necessita desesperadamente de uma figura maternal que o absolva, para que possa encontrar a morte em paz.

Phil Hogan possui alguns traços estereotipados do imigrante irlandês na região da Nova Inglaterra no início do século XX. Tem cinquenta e cinco anos, é um homem rústico, agressivo, com um senso de humor igualmente rude. Possui enorme resistência para suportar grandes bebedeiras. É o mentor dos golpes que ele e a filha aplicam na região. Ficou viúvo quando a esposa morreu em decorrência de complicações no parto, por ocasião nascimento do filho caçula. Sempre foi um tirano familiar e jamais se relacionou bem com os filhos, tendo sido abandonado por três deles tão logo atingiram a maioridade. Somente Josie sabe como lidar com ele. No fundo, possui um grande coração, o que é percebido por Jim Tyrone. Isso fica comprovado no arremate de seu plano para fazer a felicidade da filha.

Mike Hogan, que aparece no começo da peça apressando-se para fugir da fazenda para nunca mais voltar, é um tipo de personagem comum no teatro de O'Neill. Trata-se do jovem que, oprimido pelas condições sufocantes do ambiente provinciano onde nasceu e se criou, precisa escapar em busca de um lugar "além do horizonte", título de uma peça de sucesso da primeira fase do dramaturgo, cujo protagonista apresenta características semelhantes às de Mike. Além disso, de certo modo ele pode ser aproximado do próprio O'Neill, que também era o caçula da família e também carregava uma espécie de culpa originária de seu nascimento, já que foi nessa ocasião que sua mãe passou a tomar morfina, tornando-se dependente dessa substância. Além disso, aos vinte anos o dramaturgo também fugiu de uma realidade sufocante ao se juntar a um empreendimento de prospecção de ouro nas selvas de Honduras, engajando-se, sem seguida, como marinheiro em navios mercantes.

T. Stedman Harder, o vizinho dos Hogans, é também uma figura que aparece com certa frequência nas peças de O'Neill. Herdeiro da

Standard Oil, uma das mais poderosas empresas do mundo na época em que se passam os acontecimentos da peça, é o capitalista medíocre para quem o dinheiro é a medida de todas as coisas. Como o pensamento político do dramaturgo aproximava-se do anarquismo e do socialismo, alguém como Harder só poderia ser ridicularizado. É o que ocorre na parte final do primeiro ato de *Uma lua para o bastardo*, quando Hogan e Josie lhe pregam uma peça com o fim de fazê-lo descer de sua pose aristocrática. Suas raízes inglesas são também um bom motivo para que os oprimidos imigrantes irlandeses levem a cabo a vingança possível sobre o vizinho que desprezam.

Dramaturgo formado na estética do expressionismo, sendo grande admirador do teatro de August Strindberg, Eugene O'Neill costuma fazer largo uso de símbolos mesmo em seus últimos trabalhos, de tendência mais realista. Em *Uma lua para o bastardo*, a noite e a lua carregam uma forte carga simbólica. Tal como em outras peças (*Anna Christie*, *O imperador Jones*, *Piedade cruel*, *Longa jornada noite adentro*), a noite, para dentro da qual seus personagens costumam realizar uma espécie de viagem transformadora, é o momento em que confissões e revelações fundamentais são feitas, em que seus demônios interiores vêm à tona, em que todas as máscaras caem e a verdade essencial aparece, em que se dão acontecimentos decisivos de toda uma vida. É uma metáfora da nossa escuridão interior, bem como da obscuridade da própria vida, pontuada por momentos de lucidez.

Quanto à lua, ela já havia estado presente no título de um trabalho de juventude de O'Neill — *A lua das Pequenas Antilhas* —, pertencente a seu ciclo de peças curtas que se passam no mar, envolvendo aventuras de marinheiros. Ela sempre possui conotações poéticas e é quase sempre uma lua cheia. Sua luz costuma ser a emanção de eflúvios positivos ou o estabelecimento de uma aura de mistério propensa às grandes revelações que a noite proporciona (ver *A lua das Pequenas Antilhas*, *O luto assenta a Electra*, *Longa jornada noite adentro*). Em *Uma lua para o bastardo*, a noite e a lua reatualizam esses significados.

Uma palavra no título original da peça merece alguma consideração, até mesmo por ser o núcleo de seu sentido. Trata-se de *misbegotten*, que pode ser traduzida como “bastardo”, “ilegítimo”, “deformado”, “espúrio”, “sujo”. De certo modo, Josie e Hogan também são *misbegotten*,

e por algum tempo fui tentado a traduzir esse termo no plural, o que o título original permite. Mas como traduzir é também interpretar e fazer escolhas, preferi manter a palavra no singular, ressaltando o drama de Jim Tyrone e a piedade transcendente de índole mariana de Josie.

Por fim, não se pode deixar de perceber que a peça termina à maneira de muitas tragédias gregas, em que, após a consumação da catástrofe, o coro ou algum personagem prestigioso, instado pelos sobreviventes, anunciava a chamada sabedoria de Sileno. Esse sátiro, companheiro de Dioniso, ao ser questionado pelo rei Midas sobre o que seria melhor para o ser humano, pronunciou estas palavras terríveis: “Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não *ser*, *nada* ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”.² Essa filosofia pessimista, que está na essência da tragédia como gênero teatral e como sentimento em relação à vida, também está, em última instância, no cerne de *Uma lua para o bastardo*, a despeito da postura mais suave e mais piedosa do dramaturgo, carregada de valores cristãos.

Sendo a linguagem do texto em inglês muito coloquial, chegando a tentar reproduzir a prosódia irlandesa dos personagens, buscou-se, no texto em português, incorporar aspectos da coloquialidade brasileira, incluindo os mais variados desvios da norma padrão típicos da fala dos extratos populares em nosso país, no momento atual.

Esta tradução foi feita a partir do texto publicado em *O'Neill: Complete Plays – 1932-1943*, terceiro volume das obras completas do dramaturgo, editado por Travis Bogard e publicado pela Library of America em 1988.

ADRIANO DE PAULA RABELO

2 *Apud* Friedrich Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 36, tradução de Paulo César de Souza.

Amostra

Uma Lua para o Bastardo está publicada aqui sem revisões ou supressões. Trata-se de uma reprodução exata do manuscrito original que entreguei à Random House, Inc., ao terminar a peça, em 1943.

Ela nunca foi apresentada nos palcos de Nova York nem há direitos autorais a receber sobre este trabalho, nem mesmo planos para a sua produção. Uma vez que neste momento estou impossibilitado de dar-lhe a atenção requerida para uma montagem adequada, decidi fazer com que o texto ficasse disponível na forma de livro.

Abril, 1952

E. O'N.

PERSONAGENS

JOSIE HOGAN

PHIL HOGAN, *seu pai*

MIKE HOGAN, *seu irmão*

JAMES TYRONE, Jr.

T. STEDMAN HARDER

Amostra

CENÁRIOS

PRIMEIRO ATO

Casa de fazenda. Por volta do meio-dia.
Início de setembro de 1923.

SEGUNDO ATO

Mesmo lugar, porém mostrando o interior de uma sala de estar.
11 horas da noite do mesmo dia.

TERCEIRO ATO

Mesmo lugar do primeiro ato. Não há uma quebra no tempo,
que simplesmente prossegue, entre o segundo e o terceiro ato.

QUARTO ATO

Mesmo lugar. Alvorecer do dia seguinte.

Amostra

CENÁRIO DA PEÇA

Uma Lua para o Bastardo se passa em Connecticut, na casa do fazendeiro Phil Hogan, entre as 12 horas de um dia do começo de setembro de 1923 e o nascer do sol do dia seguinte.

A casa não é, para dizer o mínimo, um exemplar primoroso da arquitetura da Nova Inglaterra,³ mas localiza-se tão perfeitamente na paisagem que se mostra em harmonia com ela, como se fosse parte da mesma, enraizada no solo. Parece que a casa se mudou para o lugar atual. Como se fosse uma caixa velha, toda revestida de sarrafos, com um teto de telhas achatadas de madeira e uma chaminé de tijolos, sustenta-se mais ou menos sessenta centímetros acima do solo por alguns blocos de madeira. Há duas janelas no andar de baixo, na fachada da casa, e outra no andar de cima. Tais janelas não possuem venezianas, cortinas ou anteparo à luz externa. Em cada uma delas falta ao menos uma vidraça, que é substituída por um pedaço de papelão. A casa já foi pintada com uma combinação repulsiva de amarelo e marrom, mas as paredes agora estão enegrecidas e desgastadas, descascadas, com riscos e

- 3 Região localizada no nordeste dos Estados Unidos, delimitada pelo Oceano Atlântico, o Canadá e o estado de Nova York. Constitui-se pelos estados de Connecticut, Maine, Massachussets, New Hampshire, Rhode Island e Vermont. O país começou a se formar pela Nova Inglaterra, já que os primeiros puritanos ingleses lá chegaram e lá se estabeleceram. Posteriormente foi berço de grandes líderes políticos, tendo tido enorme importância na independência dos Estados Unidos e na Guerra Civil Americana (1861-1865), que decidiu a questão da unidade nacional através do federalismo e do fortalecimento da União após o alargamento das fronteiras do país até a costa do Pacífico, possibilitando que ele se realizasse como a nação capitalista mais desenvolvida e mais rica do mundo. A Nova Inglaterra desenvolveu uma cultura própria, possuindo um sotaque, uma culinária, uma arquitetura e formas de governar próprias, características das quais seus habitantes se orgulham. Aí surgiu a figura do *yankee*, o mais típico (ou estereotípico) dos americanos. Seus habitantes mais conservadores se consideram guardiões das “verdadeiras” tradições americanas. A maior cidade da região é Boston, seu centro cultural e econômico. Na segunda metade do século XIX, a Nova Inglaterra foi destino de enorme afluxo de imigrantes originários da Irlanda, especialmente de sua parte católica. A própria família de Eugene O’Neill, tanto pelo lado paterno quanto pelo materno, tem sua história profundamente marcada por esses acontecimentos.

manchas cor limão-escuro. Bem junto ao canto esquerdo da casa, um lance de escada leva à porta da frente.

Para piorar, a casa possui como adendo um pavimento que corresponde a um cômodo colado à sua direita. Com aproximadamente três metros e meio de comprimento por dois de altura, percebe-se claramente que esse cômodo, que é o quarto de Josie Hogan, foi construído de forma bastante precária. As paredes e o teto inclinado são cobertos com papel alcatroado, estando tão desbotados que se tornaram cinza-escuros. Perto de onde esse adendo se junta à casa, há uma porta com um lance de três degraus sem pintura que dão acesso ao solo. À direita da porta há uma pequena janela.

Desses degraus parte uma trilha que passa próximo a uma velha pereira localizada ao fundo, à direita, indo por um campo de feno até um trecho de mata. A mesma trilha também se estende à esquerda, para dar acesso a uma estrada poeirenta que prepara o caminho da rodovia do condado⁴ (com mais ou menos noventa metros à esquerda) para a porta da frente da casa, e dali segue de volta, através de um malcuidado pomar de macieiras, até o estábulo. Perto da casa, sob a janela ao lado do quarto de Josie, há um grande pedregulho com o topo achatado.

4 Condado (*county*) é uma região definida com fins administrativos, nos países de língua inglesa, havendo variações de um para o outro. No caso dos Estados Unidos, trata-se da maior divisão administrativa de seus estados. É algo que está entre as noções brasileiras de município, pois têm administração própria, e as regiões dentro de nossos estados que ficam distantes das áreas metropolitanas e possuem uma cidade-polo. Os condados aglomeram várias cidades, em geral pequenas.